

TEATRO

BRASILEIRO

3

JANEIRO 1956 - CR\$ 10,00



diretor: alfredo mesquita
redator-chefe: sôbato magaldi
diretor técnico: willys de castro
conselho consultivo: esther mesquita, claude vincent, marília pederneiras, clóvis garcia, decio de almeida Prado, paula mendonça.
representantes: joão bethencourt (rio de janeiro), josé carlos cavalcanti borges (recife), antonio abujamra (porto alegre), joão etienne filho (bela horizonte)
editora - livraria jaraguá Ltda.
impresso pela sociedade anônima impressora brasileira.

capa: cenário de gianni ratto para "woyzeck" (1.º ato, cena 1)	
necessidade de comunicar - por gianni ratto	1
os "melhores de 1955"	2
teatro ao sul - por gilda de melo e souza	8
"woyzeck" de georg büchner	11
"is sex necessary?" - por joão bethencourt	23
os artistas unidos	24
teatro em são paulo - por sôbato magaldi	27
com vistas ao t.b.c. - por alfredo mesquita; - barrault, a "aréstia" e a macumba programa dos elencos paulistas; como dirigi "vestido de noiva" em recife - por flaminio ballini cerri; conversa com celi; teatro em porto alegre	30

NECESSIDADE DE COMUNICAR

Existem exigências às quais é difícil fugir, se acreditamos que nos vamos, na que queremos ser. Entre outras, uma é fundamental: a de não nos mentirmos, a de sermos sinceros à nossa custa, para uma coerência à qual nunca conseguiremos escapar, sob pena do sacrifício de nossa própria vida de homens de teatro, de profissionais do palco, de artesãos do espetáculo.

A razão pela qual faço teatro está contida na própria essência do teatro: a necessidade de me comunicar com os outros, numa linguagem e numa forma que constituam o anel de conjunção, o denominador comum entre o autor e o público. É a necessidade, talvez ingênua, de criar um mistério no mesmo momento em que nos revelamos, com o pudor, com o igual receio ruborizado que acompanharia uma declaração ligada a um sentimento profundo e por tanto tempo acariciado e não revelado.

Necessidade de comunicar.

E, ao mesmo tempo, a irritação, a raiva que surge em nós por não termos conseguido encontrar as palavras certas, as expressões exatas, a forma definitiva, inamovível, fixada e inequívoca, idêntica à que o autor, na sua obra, conseguiu: a angústia derivada da flutuação do que realizamos numa impossibilidade de fixação definitiva do que foi um trabalho duro, amargo e feliz ao mesmo tempo.

O problema que eu sinto vivo em mim (porque, parece-me, é do próprio teatro) é o da falta de coincidência entre o que nós, hoje, continuamos fazendo, e o que deveríamos fazer; entre o que nós dizemos e o que as platéias — sem percebê-lo talvez — queriam ouvir e ver.

Continuamos a expor pequenos temas, em pequenas figuras contidas, distilando os sentimentos e os dramas numa procura hábil mas limitada. O tempo de hoje é tempo de tragédia. Não é mais o tempo das pequenas conversas à luz baixa de um quarto sombrio, ou de pesquisas sublimadas e artificiosas de sentimentos que pretendem alcançar o tamanho de uma humanidade. Hoje em dia, parece-me, temos que descobrir os temas que correspondam não a uma latitude, mas que coincidam com uma generalização universal, na qual não exista mais o problema da precisidade da língua ou a necessidade de compreender uma determinada mentalidade ou um modo de ser.

Precisamos ter a coragem de voltar a ser felizmente primários.

Essa necessidade de ser sinceros é qualquer coisa que luta contra as luzes artificiais, é qualquer coisa que precisa do sol, do ar livre, para uma comunhão dramática, para uma definitiva coincidência de língua

gem. Para um reconhecimento definitivo, puro e apaixonado.

O teatro luta hoje contra as gaiolas que éle próprio veio se construindo para ficar sempre mais precioso e sempre mais secreto. O teatro, hoje, é como aqueles passarinhos mecânicos que cantam a comando: talvez o tempo de hoje seja tempo de "mambembe".

O teatro pela sua verdadeira essência (não é por isso que o amo no mesmo momento em que detesto sua impossibilidade de se repetir, a comando, como esse passarinho dourado?), o teatro tem que ser confiado, para se realizar, a essa flutuação que se determina a cada representação. Estou compreendendo (e estou encantado com isso — embora saiba muito bem não estar descobrindo nada de novo) que o fascínio desse teatro reside propriamente na impossibilidade de ser o que procurei até agora: uma obra fixada para um dia e para sempre, para satisfazer a uma ambição toda pessoal e narcisista.

Compreendo que não é a forma que damos às palavras o que tem razão de ser, mas as palavras é que são o teatro. São o teatro no momento em que são projetadas a uma massa de ouvintes, com todas as imperfeições e as variantes que uma platéia diferente e as influências dos homens que as pronunciam determinam.

O teatro não está somente na mecânica maquinal dos efeitos, na complicação técnica que o envolve. O teatro está na comunicação livre, na livre interpretação que cada um realiza na reconstituição, consciente ou não, do processo criador do poeta.

Precisamos voltar às origens. Penso que o caminho certo esteja nas praças, ao ar livre, à luz do sol ou das tochas: para um público sempre diferente e sempre idêntico, com as palavras repetidas sob a influência de um ambiente sempre novo, num clima, todavia, imutável.

Não é a representação que conta, enfim, mas a soma das representações, a lembrança das representações, a semente que elas deixaram na alma de cada um e de todos. A coincidência feliz de uma descoberta que nunca cessará de ser mistério por ter sido revelado na forma mais clara e menos fechada.

Se quero ser sincero consigo mesmo, tenho que afirmar que o meu grande desejo, minha aspiração secreta (embora eu faça com toda a melhor boa vontade e seriedade um teatro, dizemos, profissional) é conseguir realizar um teatro que não tenha limites de espaço nem obrigações de horários; que viva — quase por germinação espontânea — nas condições que o momento e o ambiente determinem. Um teatro anônimo, pelo que me concerne, que encontre a sua razão de ser, sua única razão de ser, na necessidade que o homem tem de se comunicar com os outros, revelando seus temores, suas esperanças, seus medos, GIANNI RATTO sua fé.